

Tradição manda ter cautela

A atitude tradicional do Japão é de cautela, avisa o japonês Koichiro Kitade, diretor financeiro do Citibank em Tóquio e que esteve no Rio semana passada. Feita a ressalva, Kitade admite que a tendência agora é por uma atitude mais ativa das autoridades japonesas na solução do problema da dívida, e explica a razão da mudança no milenar comportamento dos japoneses: "Preferimos seguir as decisões tomadas pela comunidade, mas o tempo está passando e nenhuma decisão de comunidade foi tomada até agora para resolver o impasse da dívida."

O avanço dos japoneses deve ser entendido, no entanto, dentro do ritmo da cultura. Kitade não acredita que o Japão vá passar a ter uma posição de liderança no processo político. O executivo japonês reconhece que seu país tem poderio financeiro, mas não o suficiente para afastar os Estados Unidos da liderança do processo da dívida. "O Japão tem um papel poderoso na contribuição financeira que pode dar para solucionar o problema", diz Kitade.

Na opinião do executivo, uma das idéias ousadas que o Japão deverá levar para a próxima reunião do Fundo Monetário Internacional é a de que devem ser mais flexíveis as exigências feitas pelos organismos aos países com economias sob monitoramento. A maior parte dos recursos colocados pelo Japão para reciclar a dívida dos países em desenvolvimento só chegará a eles depois de fazerem uma escala nos organismos multilaterais. E é até por isso que o Japão defende normas menos rígidas.

Mas a participação japonesa na solução do problema deve ser olhada sob a ótica certa. Tradicionalmente, os empréstimos japoneses seguem os passos dos investidores do país. "Os bancos americanos concederam empréstimos apenas porque vislumbraram lucros; os bancos japoneses preferem vincular seus créditos a investimentos japoneses em países onde existem chances", lembra Kitade.

E a julgar pelos números recentes, os japoneses não estão vendo boas chances no Brasil. "Já fomos o quarto maior

receptor de investimentos japoneses, em 1886 caímos para o 12º lugar", informa Carlos Novis Guimarães, que está embarcando em outubro para Tóquio para organizar e chefiar uma seção no Citibank no Japão especializada em conversão de dívida, capitalização de subsidiárias e decisões de investimentos em países em desenvolvimento, a *International Corporation Finance*.

A análise que faz este brasileiro de apenas 30 anos e que nos últimos dias tem se dedicado ao estudo do intrincado idioma japonês é de que, mesmo com a queda recente dos investimentos no país, o Japão e o Brasil têm tudo para fazer um perfeito casamento. Primeiro porque o Japão está marcando sua presença de forma cada vez mais forte no cenário internacional nos últimos tempos e, mesmo com o impressionante volume de dólares que despeja no mercado norte-americano, está diminuindo percentualmente sua participação no Oriente Médio, África e Estados Unidos.

A complementariedade entre as duas economias não é apenas mais uma lenda, na opinião de Guimarães. Efetivamente isto é um fato concreto a indicar a inevitável aproximação entre os dois países. De um lado, o Brasil precisa justamente do que o Japão tem de sobra: tecnologia e recursos financeiros. E o Brasil tem a oferecer um grande mercado e a perspectiva de generosa produção agrícola e mineral. Guimarães está convencido de que os recursos japoneses, arredios nos últimos tempos, podem voltar via conversão de dívida. "Desde que o Brasil apresente um projeto realista e que não seja excessivamente restritivo". O que tem afastado atualmente os japoneses do Brasil, na opinião de Guimarães, são as mudanças bruscas na condução da política econômica e a incerteza provocada pela Constituinte. "Eles são conservadores", pondera Guimarães. Está convencido entretanto que há um traço do caráter do povo japonês que só ajuda na aproximação com o Brasil. "Ao contrário dos americanos, eles estão mais dispostos a esperar um longo tempo pelo retorno dos investimentos".